



A Crítica da Mídia: instrumento de monitoramento e reflexão do desempenho da imprensa brasileira ¹

Manoel Pereira da ROCHA NETO²
Isabel Cristine Machado de CARVALHO³
Laís Karla da Silva BARRETO⁴
Gabriel Rodrigues MORAIS⁵

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a prática da Crítica da Mídia no Brasil como instrumento de monitoramento da qualidade da produção jornalística contemporânea. No Brasil, a principal plataforma dessa prática é o Observatório de Imprensa. O Observatório foi originalmente desenvolvido pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (LabJor) da Universidade de Campinas (Unicamp/SP), fundado, em 1996, e organizado como uma entidade civil, não-governamental, não-corporativa e não-partidária. Para a realização desta pesquisa desenvolvemos uma pesquisa exploratória por meio de uma revisão da literatura sobre a crítica da mídia e a trajetória do Observatório, observando também o conteúdo do site. Podemos concluir que o Observatório é um fórum permanente, no qual os usuários da mídia - leitores, ouvintes, telespectadores e internautas- podem manifestar suas opiniões sobre a atuação da mídia no Brasil.

Palavras-chave: Crítica da Mídia, Imprensa, Jornalismo.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo analisar a contribuição da Crítica da Mídia no Brasil como o exercício pleno de cidadania da sociedade, possibilitando a visibilidade do desempenho da imprensa brasileira e a formação de sentidos do público, este classificado como “receptor ou audiência” (WARD, 2006).

Nesse cenário trazemos à tona o Observatório da Imprensa e suas correlações com a Crítica da Mídia, principal instrumento de Crítica da Mídia no Brasil. O

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de junho de 2015.

² Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, docente da Escola de Comunicação e Artes e do Mestrado Profissional em Administração da Universidade Potiguar (UnP). E-mail: manupereira@unp.br.

³ Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, docente da Escola de Comunicação e Artes da Universidade Potiguar (UnP). E-mail: isabelcristine@unp.br.

⁴ Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, docente do Mestrado Profissional em Administração da Universidade Potiguar (UnP). E-mail: laisbarreto@unp.br.

⁵ Graduando em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, na Universidade Potiguar (UnP). E-mail: grmorais93@hotmail.com.



movimento da crítica da Mídia (*Media Criticism*) surgiu nos Estados Unidos, na década de 1960, com o objetivo de monitorar a produção jornalística dos impressos norte-americanos. No Brasil, essa prática foi implantada pelo jornalista Alberto Dines como uma maneira de ativismo no que se refere à prática da observação do desempenho da mídia no Brasil.

Para realizar este estudo desenvolvemos uma pesquisa exploratória na literatura e no estado da arte sobre o tema, bem como a observação e monitoramento do conteúdo do site do ‘Observatório da Imprensa’, hoje, considerado por pesquisadores do Jornalismo como um dos mais relevantes instrumentos de crítica da mídia no Brasil.

A comunicação faz parte da relação histórica do homem com o seu espaço físico. Foi por meio da comunicação que nós interagimos com as outras pessoas com diálogos que transmitam a expressão do nosso pensamento. Por causa disso, a fala e a escrita e, conseqüentemente, a comunicação interpessoal, são talvez algumas das maiores conquistas do homem em sua evolução.

Da comunicação humana foi possível desenvolver áreas profissionais que trabalham com os signos comunicativos que influenciam o cotidiano da sociedade. Estamos falando da Comunicação Social e as suas diversas habilitações, dentre elas, as habilitações em Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Cinema e Relações Públicas. E dessas áreas, uma tem um destaque especial entre a população: O jornalismo.

O Jornalismo é uma área que tem uma importante função para sociedade, porque trabalha diretamente com a informação. É através do jornalismo que a população toma conhecimento dos acontecimentos no Brasil e no mundo. Apurando os fatos, reunindo as informações e transmitindo-as, o jornalismo fixa o seu papel de importância na vida cotidiana das pessoas, contribuindo para a visibilidade das suas ações e da prática de criticar a mídia quando ela não corresponde às suas responsabilidades sociais.

A justificativa desta pesquisa consiste no fato de que, atualmente, a crítica da mídia é algo indispensável no universo midiático. Com o avanço dos tempos, os veículos de comunicação de massa evoluíram nas suas formas de fazer e pensar jornalismo, inovação essa que deu margem à crítica da mídia afirmar-se como muito importante. Ela é quem vai observar os processos midiáticos e monitorar se essas ações estão sendo corretas ou não, do ponto de vista ético ou sociológico.



A crítica [...] é a forma que o quarto poder encontrou para submeter-se ao julgamento público e assim enquadrar-se como os três outros no sistema de vigilância e equilíbrio dos regimes democráticos. Ao contrário do que ocorre com os demais gêneros da crítica, especialmente os mais populares, que são os artísticos (livros, artes e espetáculos), o da imprensa não pode fixar-se nas excelências técnicas. O jornalismo não é arte para ser julgado apenas pelos aspectos estéticos. Dada a função social da imprensa, os aspectos éticos e políticos são mais relevantes (DINES apud MELO, 1994, p.135).

Fazer crítica da mídia não é realizar uma análise difamatória de um veículo ou fenômeno midiático. Consiste em fazer uma abordagem do ponto de vista da ética jornalística e da comunicação. A importância da crítica da mídia está no fato de que os meios de comunicação são fundamentais na vida do homem, devido a sua função social: informar a população. Por isso, a vigilância sobre a mídia é imprescindível. Existem vários instrumentos de crítica da mídia no Brasil e no mundo. O objetivo da Crítica da Mídia é orientar o leitor sobre os possíveis erros que o jornalismo comete como também a manipulação das informações e os equívocos na apuração.

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi a exploratória em referências bibliográficas e artigos acadêmicos sobre as temáticas: jornalismo, crítica da mídia e observatórios da imprensa, realizadas na Biblioteca do campus da Unidade Roberto Freire da Universidade Potiguar e na biblioteca central Zila Mamede, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Optamos para fazer uma análise do site do Observatório da Imprensa, o qual também reúne os conteúdos produzidos para os programas veiculados no rádio e na televisão.

A GÊNESE DA CRÍTICA DA MÍDIA NO BRASIL

No Brasil, a Crítica da Mídia surgiu, de acordo com Loures (2008), com a iniciativa do Jornalista Alberto Dines, em 1965, na época em que ele era diretor de redação do 'Jornal do Brasil', depois que ele visitou o *World Press Institute* da Universidade de Columbia, em Nova Iorque, nos Estados Unidos, e gostou muito do caderno 'Vencedores e Pecadores', do jornal '*The New York Times*', que fazia a crítica da mídia do próprio jornal.

Ao retornar ao Brasil, sem que a direção do jornal tivesse participação alguma, Dines e o seu colega de redação, o jornalista Fernando Gabeira, que na ocasião chefiava o Departamento de Pesquisas do JB, resolveram lançar uma publicação que fosse um fórum de críticas à mídia. Assim começou a ser



publicado os “Cadernos de Jornalismo e Editoração”. Tinha como colaboradores jornalistas e representantes da Universidade, e era vendido em livrarias, distribuído na redação do Jornal do Brasil e para alguns assinantes (LOURES, 2008, p. 161).

No meio acadêmico, as experiências com a Crítica da Mídia têm início em 1972, com o lançamento dos ‘Cadernos de Comunicação Proal’, através da iniciativa dos professores Manoel Carlos da Conceição Chaparro, Francisco Gaudêncio Torquato do Rêgo e Carlos Eduardo Lins da Silva. Mas a prática de crítica da mídia, que ficou restrita apenas nos meios acadêmicos, se encerrou em 1973.

Nesse mesmo ano, Alberto Dines foi demitido do ‘Jornal do Brasil’ devido a repressão política da ditadura militar e a empresa acabou com o caderno de Crítica da Mídia. Em 1975, o jornalista Cláudio Abramo, que estava reformulando a ‘Folha de S. Paulo’, convidou Dines para ir trabalhar na Folha como diretor da sucursal do jornal no Rio de Janeiro e articulista político. O jornalista propôs escrever uma coluna sobre Crítica da Mídia na publicação e, assim, lançou o ‘Jornal dos Jornais’. A coluna deixou de circular em 1977, também pressionada pela ditadura.

Dines foi para o jornal ‘Pasquim’ e realizou nesse veículo a Crítica da Mídia através da coluna ‘Jornal da Cesta’. Depois que deixou o ‘Pasquim’, ele lançou a revista ‘Crítica da Informação’, que durou um ano. Dos veículos que se destacam na crítica da mídia no Brasil atualmente, encontram-se a revista ‘Imprensa’, o instituto ‘Gutenberg’ e o ‘Observatório da Imprensa’, este fundado pelo próprio Alberto Dines.

Nesse contexto, a prática da crítica da Mídia ganhou proporções e despertou interesse na sociedade social brasileira como método de observação da prática jornalística no Brasil.

O ESTUDO SOBRE O OLHAR E O OBSERVAR JORNALÍSTICO COMO BASES PARA A REALIZAÇÃO DA CRÍTICA DA MÍDIA

Traquina (2005) relata que os jornalistas possuem características específicas da profissão. São, de acordo com o autor, “homens e mulheres de 'ação' e não pensadores, como os acadêmicos” (TRAQUINA, 2005, p. 44). O jornalismo possui uma pragmática. É uma atividade prática, que é regida pelo ‘Deadline’, jargão jornalístico referente ao prazo máximo para um jornalista concluir o texto, dos veículos e ao imediatismo dos fatos.



O jornalismo é, antes de qualquer coisa, uma observação do cotidiano. Para se relatar as notícias é preciso antes olhar os fatos ocorridos. Com isso, o jornalismo tenta ser os “olhos” da população, que não pode estar em todos os locais para presenciar o fato ao vivo. Estudar como o jornalista observa os fatos para relatá-los é a base que move os estudos da Crítica da Mídia. Para Christofolletti (2008, p.79):

Por meio dos olhares lançados, jornalistas concebem figuras de alteridade (público e fontes de informação), reconfiguram suas próprias identidades (sua posição social, sua condição de representante de tal empresa etc.) e mapeiam a história e a geografia das relações do cotidiano. Tratar desse olhar clínico é apontar os condicionamentos, os vínculos, as dependências, os valores de fundo que compõem a maneira desse profissional constituir-se como tal. Estudar esse olhar é ensaiar uma epistemologia dos sentidos desses trabalhadores nas suas práticas cotidianas.

Uma das buscas do jornalismo é pela objetividade na transmissão das informações. Para Amaral (1996), a objetividade é uma das maiores qualidades do meio jornalístico e esse ideal é difundido entre toda a imprensa. A Objetividade, segundo o autor:

Trata-se de uma noção presente a cada fase do processo jornalístico, desde a pauta de assuntos a serem cobertos até o tamanho, a apresentação gráfica e a natureza do espaço que o texto vai ocupar no jornal. Uma questão de honra, um ideal a ser atingido ou uma paixão do jornalismo do século XX, embora, desde a sua incorporação, tenha sido confrontada com o seu contrário, a subjetividade (AMARAL, 1996, p.17).

De acordo com Amaral (1996), quatro fatores contribuíram para a imprensa adotar os ideais da objetividade: o surgimento das agências de notícias; o desenvolvimento industrial; as duas guerras mundiais e o advento das agências de publicidade e das relações públicas.

Para Traquina (2005), o jornalista tem uma maneira própria de falar, que o autor chama de “jornalês”, cuja característica principal é que a fala e a escrita sejam compreensíveis por todos. O jornalista também tem uma maneira própria de ver. Um olhar específico, baseado nos critérios de valores-notícia. E esse olhar do jornalista é o que define os rumos da recepção da informação pela sociedade.

Segundo Cristofolletti (2008), o olhar para o jornalista é o cruzamento dos conhecimentos técnicos de captação da informação com a transformação de um fato em notícia, aliado aos conceitos éticos inerentes à profissão e à estética da linguagem jornalística. Com isso, segundo o autor, espera-se que o jornalista tenha um olhar crítico sobre as informações, busque “a verdade acima de tudo”, ouça os “diversos lados da



questão”, seja “objetivo e imparcial”. Porém, o olhar jornalístico carrega os seus valores próprios, o que acaba gerando uma subjetividade e um padrão de subjetivação da mídia:

O jornalismo, como atividade que revela os acontecimentos para o grande público, e jornalista, como profissional que detém um olhar atento a esses fatos, são duas ideias que se combinam. No que tange à esfera do jornalista, uma discussão ganha vulto, a de uma identidade comum àquelas que exercem essa atividade. Se existe um olhar de jornalista, uma forma de esses profissionais se dirigirem aos seus objetos, este olhar é particularmente importante para a formação de sua identidade de jornalista, porque ajuda a configurar a alteridade e a individualidade pessoal (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 84).

Para Christofolletti (2008), a expressão olhar jornalístico pode causar uma certa confusão, já que assinala um estereótipo: para ser jornalista, é necessário que se tenha um olhar específico, natural e inerente da profissão. Para o autor, a explicação para isso é que o olhar jornalístico é um conjunto de procedimentos que geram uma apreensão da realidade e de seus elementos, o que ajuda a desenhar traços de uma identidade funcional no campo social de trabalho.

O olhar jornalístico também leva em conta as expectativas que o público consumidor de informação manifesta. Com isso, de acordo com Christofolletti (2008), o olhar jornalístico se estrutura com as informações dos demais sentidos dos jornalistas. É através do olhar jornalístico que o jornalista identifica o que merece destaque entre os diversos fatos que acontecem pelo mundo. E essa leitura do mundo traz uma responsabilidade ética para o jornalista, pois o consumidor da informação possui um olhar passivo, receptivo de informações, não o mesmo olhar clínico do jornalista.

Já o observar jornalístico pode ser exercido tanto pelos jornalistas quanto pela população, pois é analítico, examinador e trata de realizar uma leitura crítica de todos os processos midiáticos. Observar a mídia:

É um olhar lançado por jornalistas, leitores e telespectadores mais atentos, por *ombudsmen*, por críticos da mídia, por instâncias que convencionamos chamar de observatórios de meios. [...] Observar é ler. No caso, ler a mídia. Pois ler a mídia é ler o mundo (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 92).

Para Christofolletti (2008), esse observar é uma visão mais amadurecida do que o olhar jornalístico, já que não significa apenas a captura das notícias na forma que elas acontecem. O observar é, portanto, ver as questões midiáticas com profundidade, com atenção à veracidade das informações, à forma da produção e difusão das notícias.



Esses dois aspectos, o olhar e o observar, são muito importantes para as bases de uma Crítica da Mídia. O primeiro refere-se ao fazer jornalismo. O segundo refere-se ao estudo do jornalismo. Os dois são diferentes, mas se complementam. De acordo com Christofolletti (2008), dois aspectos são importantes para a transformação do ver em observar: a inserção de uma educação para os meios e a compreensão de que a comunicação é um direito humano.

Na perspectiva da prática jornalística como uma atividade de cunho social e alvo da Crítica da Mídia, atividade de caráter social e cultural na perspectiva da mídia como um instrumento de transformação social, é preciso também focar a relevância histórica e as transformações desse processo de atuação da imprensa na vida social. Investigar a trajetória do Jornalismo, ao longo dos séculos, é conhecer as transformações sociais e as relações de interdependência (ELIAS, 1970), e as mudanças dessa atividade, que tem como objetivo prestar serviço à sociedade.

O dever de investigar o jornalismo é algo fundamental na sociedade, pois ele tanto pode ser útil na divulgação de fatos importantes e acontecimentos simples do cotidiano das pessoas, como pode também denegrir alguém e manipular a informação (ABRAMO, 2003).

De acordo com Silva (2000), esses padrões de manipulações e as pautas sem compromissos sociais são classificados como as incertezas da imprensa e a miséria do jornalismo brasileiro. Sobre esse caráter, Bahia (2009, p. 218) afirma:

Os críticos que se ocupam com os problemas éticos e sociais se espantam com o amparo legal de certos exercícios morais da imprensa ou da sua capacidade dispersiva, desagregadora, disseminadora de costumes que negam valores tradicionais, um papel que se torna mais penetrante e perigoso quando estendido ao rádio e à televisão, disparado contra interesses políticos e econômicos conservadores.

Com o avanço dos meios de comunicação, foi necessário o desenvolvimento do debate e da discussão sobre como fazer comunicação em cada época. A crítica da mídia é o estudo e análise dos processos midiáticos, a partir de sua penetração no meio social. A forma, o conteúdo e os objetivos da mídia são os objetos de estudo da crítica da mídia. Segundo o professor de jornalismo Christofolletti (2011):

As transformações pelas quais vem passando o jornalismo, nas últimas duas décadas, têm estimulado não apenas revisarmos os processos aos quais estávamos habituados, mas também a refletirmos sobre a natureza do que se convencionou chamar de jornalismo e o papel que este desempenha nas



sociedades contemporâneas, altamente complexas.

De acordo com Loures (2008), na crise da credibilidade que afeta o jornalismo, os interesses comerciais dos veículos estão sendo colocados acima dos interesses da sociedade, em que a imprensa enxerga os cidadãos apenas como consumidores. Para a autora, diante desse cenário, os jornalistas são vistos apenas como “técnicos da comunicação”.

Assim, o que se vê nas redações é que a busca da informação verdadeira, a serviço do cidadão - que se constitui justificadora da atividade jornalística – foi instrumentalizada ou esquecida. A ética jornalística -fundada no lucro e nos interesses da elite – domina a realidade do dia-a-dia da redação (LOURES, 2008, p. 159).

Essa reflexão sobre o que é jornalismo, motiva repensar criticamente os efeitos da mensagem jornalística na sociedade. E criticar não é apenas julgar negativamente, mas fazer uma observação coerente, com um julgamento plausível. “A crítica- é importante reforçar - não significa a prática da demolição e da ofensa, nem do descrédito e do cinismo, muito menos o desprezo do trabalho alheio e a soberba ilimitada. ” (CRHISTOFOLETTI, 2011). Para este autor, a crítica é algo que inclui um processo mais amplo e que incorpora também a autocrítica e a revisão de posicionamentos.

O dever da Crítica da Mídia é orientar o leitor sobre os possíveis erros que a imprensa comete. A manipulação das informações e o erro na apuração é algo frequente na mídia e é, portanto, extremamente necessário alertar a população para que ela tenha a consciência de que nem sempre o jornalismo é um reflexo do real. No Brasil, uma instituição de espaço aberto e de acesso livre venha realizando essa função: O Observatório da Imprensa.

Os observatórios midiáticos são relevantes instrumentos de crítica. Eles se configuram como um espaço aberto, em que as ações midiáticas específicas são monitoradas e debatidas por especialistas e pela população em geral. De acordo com Motta (2008, p. 20): “Os observatórios da imprensa fazem crítica da mídia, não de objetos estéticos. Por Natureza, esse tipo de crítica, mais ainda que a crítica estética, está histórica e eticamente situado”. Há diversos observatórios de mídia no Brasil, cada um com seu perfil e linha editorial especializada. Essa variação torna o estudo da crítica da mídia muito mais amplo e diversificado.



Os Observatórios têm perfis diferentes, tendem predominantemente para a crítica dos critérios técnico-profissionais, embora muitos façam críticas politizadas. É difícil agrupá-los. A maioria faz monitoramento sistemático da mídia a partir de uma crítica ética e profissional (parcialidade, isenção etc.). Alguns funcionam como ouvidorias e *veedurias* públicas, e incluem critérios políticos, enquanto outros estão mais próximos do papel de *ombudsmen* técnico-profissionais (estilo, clareza, objetividade etc.) (MOTTA, 2008, p. 22).

No Brasil, há diversos observatórios de mídia, em que esses observatórios formam uma rede: a Rede Nacional de Observatórios de Imprensa (RENOI). Criado em 2005, durante o Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), o RENOI tem o objetivo de debater as práticas da crítica da mídia no Brasil. De acordo com Rothberg (2011), o perfil dos observatórios que participam do RENOI é variado:

Alguns possuem profissionais experientes como colaboradores e contam com recursos significativos. Outros contam com estudantes de graduação e pós-graduação e pesquisadores em comunicação como autores de críticas e análises de mídia, e possuem infra-estrutura ainda em desenvolvimento. Outros ainda combinam as duas características. Todos os nós se beneficiam do avanço das tecnologias de informação e comunicação e utilizam a internet para veicular sua produção. Alguns também produzem programas de rádio e televisão, veiculados em mídias universitárias, e materiais impressos especiais, como guias de educação para mídia.

Participam do RENOI os observatórios: Canal da Imprensa, Mídia e Política (UnB), Agência Unama, Monitor de Mídia, Observatório de Ética Jornalística, dentre outros. Também faz parte do RENOI o Observatório da Imprensa, objeto deste estudo.

O Observatório da Imprensa é o mais famoso instrumento de crítica da mídia no Brasil, sendo também conhecido pela sigla “OI”. De acordo com Egypto e Malin (2008), o observatório nasceu da ideia de três pessoas: o jornalista Alberto Dines, o professor Carlos Vogt e o jornalista José Marques de Melo. O Observatório da Imprensa é categorizado como um veículo jornalístico que tem como pauta a análise crítica da mídia. O OI é um projeto que foi originalmente desenvolvido pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (LabJor) da Universidade de Campinas (Unicamp), no Estado de São Paulo.

Organizado como uma entidade civil, não-governamental, não-corporativa e não-partidária, o Observatório da Imprensa é um fórum permanente, no qual os usuários da mídia - leitores, ouvintes, telespectadores e internautas - podem manifestar suas opiniões sobre a atuação da mídia no Brasil e no mundo.



Motta (2008) assevera que esse fator de independência dos observatórios é fundamental em suas atuações e manutenções da ética:

O aparecimento do grande número de observatórios de imprensa ou de mídia nos últimos anos não é um fato isolado da conjuntura política brasileira. Praticamente todos têm independência em relação aos poderes instituídos, em relação aos interesses político-partidários e aos interesses econômicos da indústria cultural e informativa do país. Isso garante uma crítica autônoma e posiciona os observatórios como novos atores políticos nas relações entre a sociedade e a sua mídia (MOTTA, 2008, p. 22).

Segundo Egypto e Malin (2008), uma das primeiras ações do LabJor foi a realização de um seminário, em 1994, chamado “A Imprensa em Questão” para debater os rumos do jornalismo brasileiro. Como o aumento da diversidade de assuntos sobre o tema, o Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo decidiu levar, de alguma forma, as questões discutidas neste seminário.

Num primeiro momento, trabalhou-se com a alternativa de produzir uma revista, mas os custos decorrentes da ideia inviabilizaram a proposta. A solução foi encontrada numa nova plataforma – a internet – que à época iniciava a sua operação comercial no Brasil (EGYPTO; MALIN, 2008, p.178).

Desse modo, surge na internet o ambiente virtual do Observatório da Imprensa, constituindo-se em uma das principais referências eletrônicas sobre a crítica da mídia no Brasil. O Observatório da Imprensa está classificado como um instrumento de análise da mídia, ou seja, a sua importância está associada ao fato de que ele busca debater os acontecimentos midiáticos a partir da crítica da mídia. O Observatório da Imprensa cumpre um papel de vigilância midiática, que é algo que todo cidadão comum deve fazer. Segundo Motta (2008, p.21), os observatórios atuam como

Um movimento que está condicionado pelas ações do adversário, mais que pelas próprias iniciativas. Uma defesa contra os abusos, equívocos, baixarias, acusações injustas ou exageradas, julgamentos públicos antecipados e outros destinos éticos praticados com frequência pela indústria cultural.

Para a manutenção desses observatórios, é imprescindível a participação da população insatisfeita com a mídia e que não aceita a mensagem jornalística da forma que é divulgada pelos veículos. Para Motta, esses agentes sociais são:

Jornalistas inconformados, ativistas políticos, professores, estudantes, movimentos sociais e grupos isolados saem da passividade de receptores ou do



conformismo da profissão para influir nos conteúdos. Exigir mais pluralismo e isenção, demonstrar à indústria cultural e informativa a necessidade de refletir adequadamente os interesses de todos os atores da jovem democracia (MOTTA, 2008, p.23)

Alguns autores dizem que o Observatório da Imprensa não age como um observador neutro e que toma parte das discussões a decisão da população. Segundo Albuquerque, Ladeira e Silva (2002, p. 167):

Alberto Dines e seus principais colaboradores não são, obviamente, jornalistas “universais” e não têm procuração para falar em nome da classe como um todo. Os seus discursos são permeados por conceitos e preconceitos que refletem as suas trajetórias particulares dentro do jornalismo (ou em referência a ele).

Para esses autores, o Observatório da Imprensa é entendido como uma arena de debates, na qual os jornalistas disputam entre si e com os outros agentes sociais quem tem a razão em uma discussão temática. Para eles:

O que está em jogo é a delimitação das fronteiras da autoridade interpretativa dos jornalistas (Zelizer, 1992), tanto externas (em relação a outros agentes sociais) quanto internas (divisão de competências entre jornalistas de diversos tipos - de rádio, de televisão, de meios impressos; jovens e experientes; repórteres e editores, etc.) (ALBUQUERQUE; LADEIRA; SILVA, 2002, p. 167).

Albuquerque, Ladeira e Silva (2002) também dizem que não há uma democracia no tocante a organização das seções que não classifica todos os agentes sociais de uma forma igualitária, diferenciando tanto qualitativamente, quanto de uma forma quantitativa.

De fato, o Observatório atua como um agente participante da análise crítica, que emite as suas opiniões para um fato em discussão. Mas nenhum veículo pode atuar como observador neutro, pois a objetividade jornalística algo é quase impossível. O observatório pode emitir as suas opiniões sim, através dos editoriais, pois quase todos os veículos fazem isso.

A importância do observatório está é na diversidade de suas seções e na discussão presente nelas. A seção ‘Circo da notícia’, comandada por Alberto Dines, tem como objetivo o estudo dos parâmetros que definem a conduta adequada dos jornalistas, das organizações jornalísticas e dos assuntos relacionados ao papel da imprensa na sua responsabilidade política. O ‘Circo da Notícia’ buscar debater aspectos que transitam



pelos padrões éticos da profissão de jornalista e a formas de como a informação está divulgada nos diferentes meios, bem como a conduta dos veículos de comunicação.

Destacamos também a seção intitulada ‘Imprensa em Questão’ que, sua vez, também busca discutir temas mais relativos à ética jornalística, porém é mais plural com artigos de colaboradores, além de textos citados que foram publicados em outros veículos.

O ‘Jornal de Debates’ é a seção na qual os debates são feitos. É o local onde a grande parte dos agentes sociais – que colaboram com o observatório – atuam na discussão em temas variados. Os textos nela publicados também trazem novos olhares sobre os outros das demais seções, com debates que perpetuam durante as outras edições semanais com réplicas e tréplicas. Jornalistas, profissionais do meio acadêmico e usuários da mídia expõem as suas ideias nessa seção. No ‘Caderno de cidadania’, o observatório busca se aproximar do seu papel político enquanto agente da cidadania, com a colaboração de ONGs, como a Repórteres Sem Fronteiras, entre outras organizações não-governamentais ou de caráter ativista em defesa da cidadania e dos direitos humanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo possibilitou, por meio de pesquisa exploratória e da análise do conteúdo jornalístico do sítio do Observatório da Imprensa, compreender e estabelecer a interfaces entre imprensa e sociedade.

O Observatório da Imprensa é considerado, atualmente, como o principal instrumento de Crítica da Mídia no Brasil, prática esta já efetivada nos Estados Unidos por meio de grandes jornais em circulação desde os anos de 1960.

Desse modo, essa prática ativista e em defesa da qualidade da produção jornalística veio à tona no Brasil quando o jornalista brasileiro Alberto Dines, que atuava na imprensa norte-americana, trouxe o modelo para os jornais brasileiro, entre eles o Jornal do Brasil e outros periódicos.

A Crítica da Mídia é uma prática de monitoramento do desempenho da imprensa no Brasil, em parceria com a sociedade e instituições ativistas em defesa do direito à informação e da preservação da liberdade de expressão e pela qualidade dos conteúdos jornalísticos da imprensa Brasileira. Portanto, a Crítica da Mídia é um exercício de cidadania plena e visa valorizar o jornalismo com relação à ética e aos seus preceitos



básicos como abordar os dois lados do fato e fazer uma reflexão sobre a importância de uma imprensa livre.

No Brasil, o principal instrumento de Crítica da Mídia é o Observatório da Imprensa, uma organização não governamental constituída por profissionais da comunicação, Jornalistas e estudiosos, com a contribuição de entidades de pesquisa e universidades.

Investigar e abordar a importância do Observatório da Imprensa, principal instrumento de crítica da mídia, neste artigo, fez-nos perceber a sua relevante contribuição para a crítica da mídia no Brasil ao longo de décadas, como também a contribuição para o amadurecimento, o debate e a qualidade da imprensa no Brasil, sobretudo, no que tange à ética e responsabilidade da prática jornalísticas diante do processo de mercantilização da notícia como um produto para ser apenas consumido.

O Observatório da Imprensa está disponível em várias plataformas como Internet e também na televisão aberta brasileira. Nesses espaços midiáticos o Observatório traz à tona o foco das discussões sobre o papel da imprensa, os preceitos do jornalismo, como também seu papel ético e os processos de deontologia do jornalismo, as rotinas jornalísticas e as influências da notícia por diversos segmentos da sociedade brasileira como a Política, a Economia e a religião.

Diante desses fatos, está evidente que a importância do Observatório da Imprensa é abrir o espaço, que os veículos de comunicação de massa tradicionais não oferecem, para a discussão midiática contemporâneas, dos fatos factuais, para o debate dos erros da imprensa brasileira enfocando os danos que a falta da apuração e verificação podem causar na sociedade e na própria credibilidade da imprensa enquanto poder estabelecido em defesa do cidadão. Destacamos também a contribuição do Observatório da imprensa como canal para novos estudos das novas abordagens comunicacionais e também o debate para a consolidação das novas tecnologias no universo atual.

Desse modo, podemos inferir que o Observatório da Imprensa deixou de ser apenas um veículo de informação com o conteúdo jornalístico, para exercitar a prática ativista de cidadania e do monitoramento do desempenho dos principais jornais brasileiro, como também é um espaço ou uma arena de debates e discussões de interesses da sociedade brasileira.

O papel do Observatório é ser um guardião da liberdade de expressão e da liberdade de imprensa no Brasil, colaborando para a livre circulação de idéias e



pensamentos, com o objetivo de atender à coletividade e preservar os preceitos e as responsabilidades das práticas e do fazer jornalismo no Brasil, é exercer a observação com o olhar da sociedade civil organizada.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

ALBUQUERQUE, Afonso de; LADEIRA, João Damasceno Martins; SILVA, Marco Antonio Roxo da. Media criticism no Brasil: o Observatório da Imprensa. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 25, n. 2, p.166-189, Julho/Dezembro 2002. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewFile/427/396>>. Acesso em: 6 jun. 2014.

AMARAL, Luiz. **A objetividade jornalística**. Porto Alegre: Sagra-Luzatto, 1996.

BAHIA, Juarez. **História da Imprensa Brasileira**. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Como fica a crítica de mídia com as novas mídias. **Observatório da imprensa**. São Paulo, ano 14, n. 671, dez. 2011. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br>>. Acesso em 16 mar. 2014.

_____. Ver, Olhar, observar. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério; MOTTA, Luiz Gonzaga (Org.). **Observatórios de mídia: olhares da cidadania**. São Paulo: Paulus, 2008.

EGYPTO, Luiz; MALIN, Mauro. Um Observatório, mais observatórios. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério; MOTTA, Luiz Gonzaga (Org.). **Observatórios de mídia: olhares da cidadania**. São Paulo: Paulus, 2008.

ELIAS, Nobert. **Introdução à sociologia**. Tradução de Maria Luiza Ribeiro Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

LOURES, Ângela da Costa Cruz. Pequena História da Crítica da Mídia no Brasil. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério; MOTTA, Luiz Gonzaga (Org.). **Observatórios de mídia: olhares da cidadania**. São Paulo: Paulus, 2008.

WARD, Mike. **Jornalismo online**. Tradução Tatiana Gerasimczuk Castellani. São Paulo: Roca, 2006,

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.



MOTTA, Luiz Gonzaga. **Crítica da Mídia**: da resistência civil ao desenvolvimento humano. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério; MOTTA, Luiz Gonzaga (Org.). **Observatórios de mídia**: olhares da cidadania. São Paulo: Paulus, 2008.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. Quando a crítica é o sal da vida. **Observatório da imprensa**. São Paulo, ano 17, n. 788, mar. 2014. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br>>. Acesso em: 16 mar. 2014.

FENAJ (Ed.). **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. Vitória, 2007. Disponível em: <http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2014.

ROTHBERG, Danilo. Entrevista ao portal **ANDI**. Disponível em: <<http://www.andi.org.br/politicas-de-comunicacao/entrevista/entrevista-a-critica-estimula-a-existencia-de-um-ecossistema-mid>>. Acesso em: 28 ago. 2014.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: a tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.